

TEMPOS DE ESCUTAR: ¹

A influência da musicalização nas séries iniciais

Ronaldo Silva Lopes ²

Universidade La Salle, Unilasalle, Canoas-RS

Lucia Regina Lucas da Rosa³

Universidade La Salle, Unilasalle, Canoas-RS

Wagner dos Santos Chagas⁴

Universidade La Salle, Unilasalle, Canoas-RS

RESUMO: Este trabalho pretende discutir as contribuições de uma experiência com Musicalização Infantil em atividades desenvolvidas durante o primeiro e o segundo semestre de 2019, além de estabelecer um paralelo entre o pensamento de Mia Couto e as contribuições da cultura de Moçambique na criação de espaços culturais junto a Escola Municipal de Educação Básica Trindade e a Vila Pedreira, na cidade de Esteio-RS. Entrelaçando a música e mobilizações sociais, promoveu-se o diálogo com o problema de pesquisa voltado às vivências na área da educação e da psicologia. O estudo aborda especificamente os efeitos de uma oficina com instrumentos de percussão realizada junto a alunos da referida escola. Sua relação com a temática da questão étnico-racial dá-se pela experiência de dois de seus autores como voluntários em projetos sociais e comunitários que a Universidade La Salle realiza em Beira/Moçambique e pelos estudos da cultura afro-brasileira.

Palavra-chave: Música e Mobilizações Sociais. Oficina de Percussão. Vila Pedreira. EMEB Trindade

1. Introdução: Mia Couto

O escritor e biólogo moçambicano Mia Couto, pseudônimo de Antônio Emílio Leite Couto, nasceu em 5 de julho de 1955, e foi escolarizado na cidade de Beira, capital da província de Sofala, em Moçambique. Adotou o seu pseudônimo porque tinha uma paixão por gatos.

Na paisagem de sua cidade Beira, “[...] a segunda maior cidade de Moçambique, (...) se instalou o cimento, o ferro, o asfalto, as vestes próprias de um espaço urbano” (COUTO, 2005, p. 145), porém das memórias de sua cidade natal o que

¹Artigo apresentado no GT 03 – Música e Processos Identitários do IX Musicom.

²Bacharel em Psicologia, Mestrando no PPG Memória Social e Bens Culturais, e-mail: ronaldo.silvalopes@gmail.com

³Profª. Drª. Graduação Letras e PPG Memória Social e Bens Culturais, e-mail: lucia.rosa@unilasalle.edu.br

⁴Pós-doutorando no PPG Memória Social e Bens Culturais, e-mail: tutorwagnergp@gmail.com

ficou para o escritor em suas memórias de infância são as lembranças de uma cidade-casa-natureza.

A nossa casa ficava na margem de uma extensa praia. (...) Recordo fantasmas de minha meninice para mostrar como a minha cidade nunca se libertou do mar, como se manteve comandada por uma delicada harmonia entre a Natureza e o Homem. Agora, em meu sono, já não há paisagem sem mar. (...) O passado é um litoral onde tudo se converte em espuma. E a minha cidade é feita de maresia e espuma. (COUTO, 2005, p. 149)

Foi na cidade de Beira onde Mia Couto aprendeu que um "[...] país tem países diversos dentro, profundamente repartido entre universos culturais e sociais variados" (COUTO, 2005, p. 150). Ensinou também que as cercas nas casas, apesar de procurarem separar-se do mundo externo, pouco sucesso obtêm. "[...] Recordo as casas coloniais, marginadas por varandas a toda volta, oferecendo pouca defesa contra o continente em redor." (COUTO, 2005, p. 147). Nessas cidades e casas se ouviam muitas línguas, pois Moçambique tem entre 20 e 30 línguas originárias. A tradição de multiplicidade de línguas e experiência oral do país possibilitou ao autor *falinventar* o português, um português que mesmo após a independência foi escolhido pela população como o idioma oficial de Moçambique, repleto de oralidade que, para Mia Couto (2011, p. 23), constitui "[...] um território universal, um tesouro rico de lógicas e sensibilidades que são resgatadas pela poesia".

2. Musicalização: alinhavando diálogos

Explicar a musicalização apenas em termos de música é permanecer no nível da abstração, em que a música é um pressuposto dado, inquestionável e sagrado, que se autodetermina. Mas, como bem evidencia Aronoff (1974, p.34): "A música é uma experiência humana. Não deriva das propriedades físicas do som como tais, mas sim da relação do homem com o som".

Além disso, a musicalização é um processo de construção do conhecimento, favorecendo o desenvolvimento da sensibilidade, criatividade, senso rítmico, do prazer de ouvir música, da imaginação, da memória (concentração e atenção) e do respeito ao próximo. É possível relacionar a musicalização a um método diferente do

ensinar, que favorece o aprendizado de outras disciplinas. Por exemplo, ao desenvolver a noção rítmica, a criança está aprendendo matemática (divisão e multiplicação).

A musicalização, além de facilitar o processo de aprendizagem na educação, contribui de maneira significativa para o desenvolvimento da psicomotricidade, através de elementos e recursos gestuais, da socialização e afetividade, do cognitivo e linguístico no reconhecimento e execução de signos sonoros. Através do canto ou da dança, a música propicia inúmeros ganhos, podendo se transformar em uma ferramenta psicoterapêutica e grande aliada da consciência corporal.

Em seu livro *A memória Coletiva*, no apêndice "A memória coletiva entre os músicos", Maurice Halbwachs, (2006), ao distinguir a palavra da lembrança de um som qualquer, natural ou musical esclareceu que – à primeira sempre corresponde a um modelo ou um esquema exterior, fixado nos hábitos fonéticos ou sob forma impressa, enquanto a maioria dos homens, quando escuta som que não são palavras não pode compará-los a modelos que seriam puramente auditivos, porque estes lhes faltam. É o som que faz pensar no objeto, porque reconhecemos o objeto pelo som, mas o objeto em si (ou seja, o modelo a que nos reportamos), sozinho raramente evocaria o som.

Assim como a musicalização, a música e mobilização social andam juntas. Não existe somente a música dos músicos. Desde cedo a criança é embalada por canções de ninar. Mais tarde ela repete os refrões que os pais cantarolam a seu lado. Existem canções de brincadeira, existem canções de trabalho. Nas ruas das grandes cidades as cantigas populares correm de boca em boca (...). (HALBAWCHS, 2006 p. 205).

A música, além de facilitar o processo de aprendizagem na educação, contribui de maneira significativa para o desenvolvimento da psicomotricidade, através de elementos e recursos gestuais, da socialização e afetividade, do cognitivo e linguístico no reconhecimento e execução de signos sonoros.

A musicalização é um processo de construção do conhecimento, favorecendo o desenvolvimento da sensibilidade, criatividade, senso rítmico, do prazer de ouvir


música, da imaginação, da memória (concentração e atenção) e do respeito ao próximo. É possível relacionar a musicalização a um método diferente do ensinar, que favorece o aprendizado de outras disciplinas. Por exemplo, ao desenvolver a noção rítmica, a criança está aprendendo matemática (divisão e multiplicação). Através do canto ou da dança, a música propicia inúmeros ganhos, podendo se transformar em uma ferramenta psicoterapêutica e grande aliada da consciência corporal.

A partir dessa concepção pedagógica da música, discutiremos as contribuições de uma experiência com Musicalização Infantil na Escola Municipal Trindade, na Vila Pedreira, área periférica do município de Esteio (RS). O estudo aborda especificamente os efeitos de uma oficina com instrumentos de percussão realizada junto a alunos desta comunidade escolar.

A fim de conquistar os alunos para a melhoria da aprendizagem foi desenvolvida uma experiência com Musicalização Infantil, em atividades desenvolvidas durante o primeiro e segundo semestre de 2019, e as contribuições para aprimoramento nos discursos existentes entre os professores da Escola Municipal de Educação Básica Trindade e os alunos da comunidade Vila Pedreira em Esteio (RS). (...) Aleida Assmann afirma que “um ambiente externo incita e desafia a memória, expor ela se certifica de si mesma” (ASSMANN, 2011, p. 176), o que pode ser vivenciado através das atividades desenvolvidas nas turmas da referida instituição, tais como: experiência de familiarização com instrumentos musicais, experiência sensorial, experiência sonora e construção de instrumentos musicais a partir de materiais reciclados e ressignificados.

A proposta é a partir das oficinas de musicalização infantil, procurar identificar, refletir e melhor entender os saberes construídos e mediados por educadores que atuam junto a Escola Municipal de Educação Básica Trindade, através dos seus discursos. Freire por sua vez, afirma:

O processo de composição de um discurso escrito implica um apoio conversacional, o que se pretende explicar na concepção de interatividade. Fala-se do ‘diálogo’ ou discurso oral como um dos procedimentos de interatividade entre os sujeitos e como fonte de construção de sentido(s) ou de conhecimentos pela ação conjunta identificada na fala e entre outros ‘agentes educativos’ (Paulo Freire, 1967, 1970).



Paulo Freire escreveu, em sua Terceira Carta Pedagógica: “Se a educação sozinha, não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.” (FREIRE, 2000, p.67). A educação não pode restringir-se aos problemas de sala de aula. Na sua necessária dimensão ético-política-pedagógica precisa contribuir para a solução de problemas, que dizem respeito a questões da saúde e do meio ambiente como um todo.

Inspirado nas leituras do escritor moçambicano Mia Couto, percebeu-se que havia algo em comum com a escola na Vila Pedreira: a apropriação pelo grupo do seu próprio território, aproveitando o realismo fantástico e a sua escrita alegórica para permitir construções pessoais, como o uso de figuras de linguagem e elementos da narrativa pelos alunos. Assim, para o autor, “[...] um futuro civilizado passa por grandes e radicais mudanças neste mundo que poderia ser mais nosso” (COUTO, 2011, p. 24).

Os lugares sejam eles a casa, a escola, a rua, o pátio, para as brincadeiras são sempre espaços sagrados. “[...] Quando nasceu a agricultura, ganhamos o sentido do lugar. A partir de então, fomos dando nomes aos sítios, adocicamos o chão. Entre a paisagem e a humanidade criaram-se laços de parentesco. A terra divinizou-se, tornou-se mãe” (COUTO, 2011, p. 73). Passamos a dispor de uma raiz, de um chão perene, “de um ventre”. Nossa casa, nossa terra.

Depois da casa, vem a rua, a aldeia, a escola. “[...] A cidade é um cordão umbilical que criamos depois de nascermos” (COUTO, 2005, p. 150). É nelas que vivemos e aprendemos a sonhar. A escola é a segunda experiência de cidade de uma criança, a escola é também uma casa, um *oikos* ampliado, uma pequena aldeia. Cheia de línguas, de linguagens. Uma casa-escola para as crianças pequenas não pode reproduzir uma casa-moradia, mas pode compor ou oferecer às crianças uma experiência primeira de infância. A escola oferece paisagens, cenários para as crianças atuarem e viverem as suas infâncias.

O cuidado, o acolhimento das crianças pela escola não é apenas deixá-las entrar num ambiente físico. É confiar, convidar, aceitar, desafiar, observar como elas vivem os tempos de seus cotidianos, como brincam. É estar com elas. Considerar suas

interrogações e seus sonhos. Conviver com as crianças torna possível perceber as relações que elas estabelecem – com o mundo e com os outros – e os pensamentos presentes nessas ações e relações. A função educadora dos adultos para com as crianças é potencializar a vontade e a capacidade de aprender, de criar sentidos, e juntos constituírem a realidade mundana das coisas e das relações entre as pessoas. Acolher uma criança é também acolher sua experiência de infância, suas expectativas, seus planos e suas hipóteses, seus sonhos e suas ilusões. As crianças emitem sinais importantes para os adultos. Sinais que os adultos podem aprender a ler porque permitem saber a melhor forma de agir ao apontarem como enriquecer em complexidade e amplitude as experiências das crianças (STACCIOLI, 2013).

No encontro entre o velho e a criança, forma-se um nó apertado de saberes que – por sua radical alteridade – torna-se difícil definir o que um deve ao outro. Dessa aproximação entre ambos, emergem nascimentos e acontecimentos. Começamos e aprendemos como no conto Nas águas do tempo, do livro Estórias Abensonhadas (2012), no qual o autor escreve que “[...] o avô era um homem em flagrante infância, sempre arrebatado pela novidade de viver” (COUTO, 2012, p. 9). Ver e escutar o mundo, viver o mundo.

E [o avô] lhe contou os lugares secretos de sua infância, mostrou-lhe as grutas junto ao rio, perseguiram borboletas, adivinharam pegadas de bichos. O menino, sem saber, se iniciava nos amplos territórios da infância. Na companhia do avô, o moço se criançaava, convertido em menino. A voz antiga era o pátio onde ele se adornava de folguedos. (COUTO, 2009, p. 113)

A experiência de infância das crianças é permeada pelas histórias narradas pelos adultos e a elas contadas e pelas vivências constituídas no dentro e no fora das casas. “[...] Uma noite eu exercia a minha infância com as miudagens, brincando às aventuras, heróis dos mais pistoleiros filmes. Subindo os telhados, eu escapava de mortal perseguição, enganando as centenas de índios” (COUTO, 2012, p. 90). Aprender o concreto da existência é aprender a ser gente, pois ser gente não está previsto com anterioridade. Aprendemos a ser com os outros.

Enquanto remava um demorado regresso, me vinham à lembrança as velhas

palavras de meu velho avô: a água e o tempo são irmão gêmeos, nascidos do mesmo ventre. E eu acabava de descobrir em mim um rio que não haveria nunca de morrer. A esse rio volto agora a conduzir meu filho, lhe ensinando a vislumbrar os brancos panos da outra margem (COUTO, 2012, p. 14).

A infância, portanto, não é “[...] apenas um estado para a maturidade. É uma janela que, fechada ou aberta, permanece viva dentro de nós” (COUTO, 2011, p. 104), sempre pronta a ser reiniciada. A infância é aonde podemos buscar elementos para recomeçar, recompor modos de narrar e ficcionar, pois “[...] o que mora no meu lugar de infância é o indomesticável, aquilo que ficará para sempre ingovernável” (COUTO, 2005, p. 145). Por isso, a infância para Mia Couto (2011, p. 104) “[...] não é um tempo, não é uma idade, uma coleção de memórias. A infância é quando ainda não é demasiado tarde. É quando estamos disponíveis para nos surpreendermos, para nos deixar encantar”.

Barbosa e Richter (2015) afirmam que na contemporaneidade, a educação escolar enfrenta o impasse da exigência de responder quantitativamente à sociedade nos aspectos materiais de seus conteúdos padronizados e objetivos planejados a partir de escores. Porém, concordamos com Mia Couto que discorre que “[...] um dos problemas do nosso tempo é que perdemos a capacidade de fazermos as perguntas que são importantes. A escola nos ensinou apenas a dar respostas, a vida nos aconselha a que fiquemos quietos e calados” (COUTO, 2011, p. 84).

Penso que, provavelmente, uma saída viável seja continuar o difícil e longo caminho de conquistar um lugar digno para nós, adultos e crianças, e esse “só pode resultar da nossa própria criação” e dos diálogos ou conversas que possamos empreender (COUTO, 2005, p. 22). Entretanto, como Mia Couto mesmo afirma, na sociedade contemporânea “[...] nunca houve tanta estrada. E nunca nos visitamos tão pouco” (COUTO, 2011, p. 14). Nunca conversamos tão pouco. Ou seja, cada vez estamos menos disponíveis, cada vez permanecemos mais fechados ao diálogo.

3. Metodologia: caminho percorrido

A metodologia utilizada neste estudo é qualitativa (BRANDÃO, 1998), apoiando-se nas relações de interdependência entre os pesquisadores e os sujeitos de pesquisa.

Possui também um caráter extensionista visando à transformação social por meio de ações de uma pesquisa participante (observação em que os pesquisadores estabelecem relações com pessoas ou grupos envolvidos na situação investigada mais especificamente na tentativa de se fazerem aceitos pelo grupo considerado). (BRANDÃO "et al" 2006).

A partir de 03 (três) encontros semanais, essa práxis dialoga com questões referentes a espaços culturais, educação e cultura, tendo como suporte teórico os estudos de Maurice Halbwachs (2006), Aleida Assmann (2011), Mia Couto (2005, 2011, 2012), Paulo Freire (1967, 1970, 2000), entre outros. Além dos já citados, utilizamos como base de arte educação e musicalização infantil autores como: Alicia Maria Almeida Loureiro (2003), Maura Pena (2014) e R. Murray Schafer (2009).

A partir da experiência cultural vivenciada através da música moçambicana durante o voluntariado, em Beira/Moçambique, foi adaptada do e organizada uma sistematização didático/pedagógica para o desenvolvimento das oficinas com as crianças da EMEB Trindade:

O que o aluno poderá aprender com esta aula?

- a) Conhecer alguns dos instrumentos de percussão usados em Moçambique: comparar com os do Brasil e as suas diversidades de sons;
- b) Explorar e conhecer as características externas dos instrumentos de percussão;
- c) Perceber de que forma o som é produzido nos diferentes instrumentos de percussão;

d) Classificar os instrumentos de acordo com o modo de produção sonora.

Observação: Duração das atividades: de 30 a 50 minutos.

Atividades propostas e desenvolvidas

Atividade 1: Experiência de familiarização:

Para que as crianças conheçam alguns instrumentos musicais, o professor pode providenciar diferentes tipos de tambores. Para estas aulas, as crianças poderão fazer um roteiro de entrevista, no qual perguntarão um pouco sobre o instrumento. Os aspectos históricos e físicos desses instrumentos podem ser pesquisados em conjunto com o professor. É interessante que sejam exploradas as características físicas de cada instrumento e que as crianças vejam e experimentem como produzir sons com esses instrumentos (bater para que o som seja percutido). Dessa maneira cada um irá se familiarizar com o instrumento.

Atividade 2: Experiência Sensorial

Uma vez que as crianças já estiveram em contato com alguns dos instrumentos de percussão, o professor poderá pedir-lhes que tragam de casa alguns objetos que possam ser utilizados como instrumentos de percussão, assim como deverá providenciar os que forem possíveis. Com os instrumentos disponíveis na sala, as crianças têm um tempo para explorá-los livremente;

Em um segundo momento foi proposta a atividade de adivinhar através da escuta e do tato, qual é o instrumento. Por tratar-se de uma turma relativamente pequena, não foi necessário dividi-la em duplas. Após, foram dispostos todos os instrumentos na mesa referente, ao lado de cada criança. Depois, cada uma das crianças com os seus olhos fechados, tenta adivinhar qual é o instrumento que está sendo tocado pelo colega. Caso não consiga, terá a chance de fazê-lo através do tato (manusear o instrumento sem tocá-lo);

Após esta vivência, as crianças poderão organizar os instrumentos de acordo com a forma que o som é produzido: Esta atividade poderá ser registrada com desenhos e escrita das crianças.

Atividade 3: Experiência Sonora

O professor leva para a sala de aula uma coletânea de músicas instrumentais para serem apreciadas pelas crianças de modo que identifiquem quais instrumentos estão sendo tocados. Numa folha de papel, fazem o registro coletivo de tal identificação:

Atividade 4: Construção de Instrumentos

O professor pede para que os alunos tragam material de sucata como: garrafa plástica e latinhas de refrigerante, cabos de vassouras, tampas de garrafa, canos plásticos de diâmetros variados, latas de tinta etc, para a construção de alguns instrumentos musicais. Com a orientação do professor as crianças confeccionam os instrumentos e depois podem escolher algumas músicas para serem cantadas/tocadas com acompanhamento dos instrumentos;

Nessa atividade foi construído inicialmente 01 (um) Carrilhão de Chaves, depois se construíram mais 03 (três). Nesse dia, as crianças que participaram, ficaram tão envolvidas com a construção do instrumento que nem fizeram intervalo. Seguiram direto até o término. E em seguida, correram de sala em sala para mostrarem aos outros seu trabalho coletivo.

5. Considerações finais: o que muda, e o que fica

Os momentos vividos nas oficinas de musicalização trazem em si não somente a oportunidade de vivenciar experiências ligadas diretamente ao tema, cuja importância se revela além do que musicalmente se possa dimensionar. São infinitamente significativas as falas, os sentimentos que se revelam através das reações ao que é criado e ao que se escuta, as leituras de mundo que se desnudam

através do ouvir ou do produzir sons, enfim, o diálogo que se estabelece naquele momento de trocas e de aprendizagens.

Constituindo assim, experiências ricas em significados pedagógicos. Desde o desenvolvimento da capacidade criativa a partir de materiais que estão muito próximos da realidade cotidiana das crianças, e que não demandam investimento financeiro, passando pelo desenvolvimento de habilidades, até a competência para extrair do instrumento os mais variados e agradáveis sons.

Num mundo onde “há tantas estradas”, a musicalização é o encontro oportunizado para que se efetivem diálogos de escuta atenta e profunda importância, que permitam o olhar àqueles que fazem tantas perguntas por sua curiosidade inerente às suas faixas etárias, mas que necessitam de respostas só suas, que podem surgir através de sua própria experimentação e vínculo com o seu mais escondido existir.

As escutas dos diálogos revelados inserem neles mesmos diferentes olhares, pois o educador, enquanto sujeito desta relação, precisa não só ouvir, mas sim, escutar através de diferentes sentidos, trazendo na sua resposta indicadores, direções, mediações e jamais respostas prontas no intuito de interferir nas descobertas dos que podem, sim, aprender nesta relação.

O educando circula sua atividade de aprendizagem entre aquilo que se esgota no cognitivo e aquilo que traz ferramentas para lidar com seus questionamentos, ou seja, é possível extrair respostas para suas indagações pelo que se vive, simplesmente, através da musicalização, de onde se vê o sentido das funções corporais e da corporeidade, da visão do seu lugar no mundo.

Conforme Oliveira (2005), entre outros sentidos possíveis de serem construídos a partir da análise das marcas constituintes do discurso, como se expôs na introdução deste artigo, teve-se a intenção de contribuir à reflexão teórica que nutre a prática discursiva das salas de aula, a qual assumirá matizes específicos em cada situação onde se produza o discurso docente no processo de formação deste profissional em educação nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental.

Para finalizar, percebeu-se que o elo estabelecido entre o discurso do professor e do aluno tende a melhorar com a música. E, por sua vez, a

musicalização aproxima a escola da comunidade onde está inserida. Todos crescem, todos convivem e sentem-se participantes e integrados na sua comunidade escolar. A escola é o elo com a comunidade.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

ARONOF, Frances Webber. **La musica y el nino pequeno**. Buenos Aires: Ricordi, 1974.

BARBOSA, M.C.S.; RICHTER, S.R.S. **Mia Couto e a educação de crianças pequenas: Alteridade, arte e infância**. In: *Revista Eletrônica de Educação*. São Carlos (SP), v.9, n. 2, p. 485-518, quadrimestral. 2015. Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br>>

BRANDÃO, C. R. Participar-pesquisar. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org). **Repensando a pesquisa participante**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo Romeu (Org). **Pesquisa participante: a partilha do saber**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.

COUTO, Mia. **Pensatempos: textos de opinião**. Lisboa: Editorial Caminhos, 2005.

COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano? e outras interinvenções**. Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

COUTO, Mia. **Estórias Abensonhadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FREIRE, Paulo. **Educação com prática de Liberdade**. São Paulo: Paz e Terra. 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra. 1970.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. Apresentação de Ana Maria Araújo Freire. Carta-prefácio de Balduino A. Andreola. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

HALBAWCHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

"Black, music e as melodias do caos"



MUSICOM BLACK

IX Encontro de Pesquisadores em
Comunicação e Música

29 a 30 de Setembro de 2020
ModoVirtual

OLIVEIRA, C. **O discurso dos alunos e do professor – um vínculo comunicativo entre a comunidade e a escola.** In: Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL. V. 3, n. 4, março de 2005.

STACIOLI, Gianfranco. **Diário do acolhimento na escola da infância.** Campinas: Autores Associados, 2013.